

**Landesbibliothek Oldenburg**

**Digitalisierung von Drucken**

**Obras De Luis de Camoens**

**Camões, Luis de**

**Paris, 1759**

Canto III.

**urn:nbn:de:gbv:45:1-2633**



## CANTO III.

---

### ARGUMENTO.

*A populosa Europa se descreve,  
De Egas Moniz o feito sublimado,  
Lusitania, que Reys, que guerras teve,  
Christo a Affonso se expoem crucificado:  
De Dona Inez de Castro a pura neve  
Em purpura converte o povo irado,  
Mostrase o vil descuido de Fernando,  
E o grao poder de hum gesto suave, & brando.*

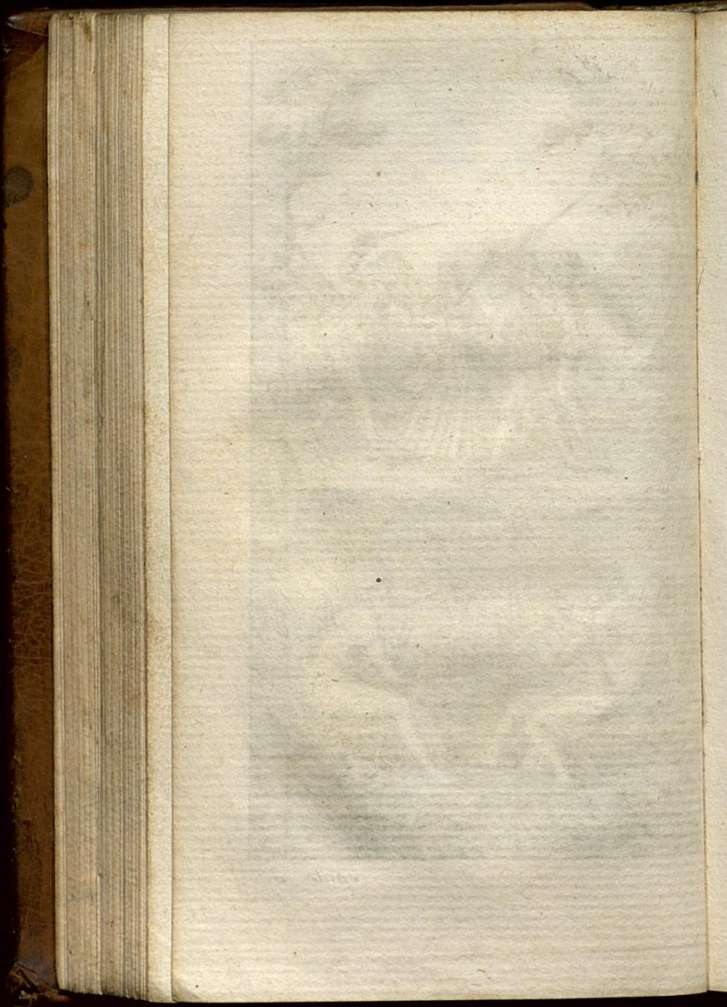
---

I.

**A**GORA tu Calliope me ensina  
O que contou ao Rey o illustre Gama,  
Inspira immortal canto, & voz divina  
Neste peito mortal, que tanto te ama:  
Assi o claro inventor da medicina,  
De quem Orpheo pariste, ò linda dama,  
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leuco:hòe  
Te negue o amor devido, como foe.



*canto 3*



## I I.

Poem tu , Ninfa , em effeito meu defejo ,  
 Como merece a gente Iufitana ,  
 Que veja , & faiba o mundo , que do Tejo  
 O licor de Aganipe corre , & mana :  
 Deixa as flores do Pindo , que ja vejo  
 Banharme Apollo na agoa soberana ;  
 Senaõ direi , que tens algum receo ,  
 Que fe escureça o teu querido Orfeo.

## I I I.

Promptos eftavão todos efcutando ,  
 O que o sublime Gama contraria ,  
 Quando depois d'hum pouco eftar cuidando  
 Alevantado o rofto affi dizia :  
 Mandafme , ò Rey , que conte declarando ,  
 De minha gente a graõ genealogia ,  
 Naõ me mandas contar eſtranha hiftoria ,  
 Mas mandafme louvar dos meus a gloria.

## I V.

Que outrem poffa louvar efforço alheo ,  
 Coufa he , que fe costuma , & fe defeja ,  
 Mas louvar os meus proprios arrecco ,  
 Que louvor taõ fufpeito mal me eſteja :  
 E para dizer tudo , temo , & creio ,  
 Que qualquer longo tempo curto feja ,  
 Mas pois o mandas , tudo fe te deve ,  
 Irei contra o que devo , & ferei breve.

G iij

## V.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga  
 He não poder mentir no que disser,  
 Porque de feitos taes por mais que diga,  
 Mais me ha de ficar ainda por dizer:  
 Mas porque nisto a ordem leve, & siga,  
 Segundo o que desejas de saber,  
 Primeiro tratarei da larga terra,  
 Depois direi da sanguinosa guerra.

## V I.

Entre a Zona, que o Cancro senhorea,  
 Méta Septentrional do Sol luzente,  
 E aquella, que por fria se arrecea  
 Tanto, como a do meyo por ardente:  
 Jaz a soberba Europa, a quem rodea  
 Pella parte do Aréturo, & do Occidente,  
 Com suas falsas ondas o Oceano,  
 E pella Austral o mar Mediterraneo.

## V I I.

Da parte donde o dia vem nascendo,  
 Com Asia se avisinha, mas o Rio,  
 Que dos montes Rifeos vai correndo,  
 Na lagoa Meotis, curvo & frio,  
 As divide, & o mar, que fero, & horrendo  
 Vio dos Gregos o irado senhorio,  
 Onde agora de Troya triunfante,  
 Não vé mais que a memoria o navegante.

## VIII.

Iã onde mais debaixo estã do Polo ,  
 Os montes Hyperboreos apparecem ,  
 E aquelles onde sempre sopra Eolo ,  
 E co nome dos sopros se ennobrecem :  
 Aqui tam pouca força tem de Apollo  
 Os rayos , que no mundo resplandecem ,  
 Que a neve estã contino pellos montes ,  
 Gelado o mar , geladas sempre as fontes.

## IX.

Aqui dos Scythas grande quantidade  
 Vivem , que antigamente grande guerra  
 Tiveraõ sobre a humana antiguidade ,  
 Cos que tinhaõ entaõ a Egeyrcia terra :  
 Mas quem taõ fõra estava da verdade  
 ( Ja que o juizo humano tanto erra )  
 Para que de mais certo se informãra ,  
 Ao campo Damasceno o perguntãra.

## X.

Agora nestas partes se nomea  
 A Lapia fria , a inculta Noruégia ,  
 Escandinavia Ilha , que se arrea  
 Das ytorias , que Italia não lhe nega :  
 Aqui em quanto as agoas não refrea  
 O congelado Inverno , se navega  
 Hum braço do Sarmatico Oceano  
 Pello Brusio , Suecio , & frio Dano.

## X I.

Entre este Mar , & o Tanais vive eſtranha  
 Gente , Ruthenos , Moſcos , & Livonios ,  
 Sarmatas outro tempo , & na montanha  
 Hircinia os Marcomanos ſão Polonios :  
 Sogeitos ao Imperio de Alemanha ,  
 São Saxones , Boemios , & Panonios ,  
 E outras varias naçoens , que o Reyno frio  
 Lava , & o Danubio , Amafiſ , & Albiſ rio.

## X I I.

Entre o remoto Iſtro , claro Eſtreito ,  
 Aonde Helle deixou co nome a vida ,  
 Eſtão os Thraces de robuſto peito ,  
 Do fero Marte patria tão querida :  
 Onde co Hemo o Rhodope fogeito  
 Ao Otomano eſtá , que ſometida  
 Bizancio tem a ſeu ſerviço indino ,  
 Boa injuria do grande Conſtantino.

## X I I I.

Logo de Macedonia eſtão as gentes ,  
 A quem lava do Axio a agoa fria :  
 E vós tambem ò terras excellentes  
 Noſ coſtumes , engenhos , & ouſadia :  
 Que criastes os peitos eloquentes ,  
 E os juizos de alta fantafia ,  
 Com que tu clara Grecia o Ceo penetras ,  
 E não menos por armas , que por letras.



CANTO III. 81

XIV.

Logo os Dalmatas vivem , & no feyo ,  
Onde Antenor ja muros levantou ,  
A soberba Veneza está no meyo  
Das agoas , que tam baixa começou :  
Da terra hum braço vê ao mar , que cheyo  
De esforço , naçoens varias fugeitou ,  
Braço forte de gente sublimada ,  
Naõ menos nos engenhos , que na espada.

XV.

Em torno o cerca o Reyno Neptunino  
Cos muros naturaes , por outra parte  
Fello meyo o divide o Apenino ,  
Que tam illustre fez o patrio Marte :  
Mas depois que o Porteiro tem divino ,  
Perdendo o esforço veyo , & bellica arte ,  
Pobre está ja da antiga potestade ,  
Tanto Deos se contenta da humildade.

XVI.

Gallia alli se verá , que nomeada  
Cos Cesareos triunfos foi no mundo ,  
Que do Sequana , & do Rhódano he regada ,  
E do Garunna frio , & Rheno fundo :  
Logo os montes da Ninfa sepultada  
Pyrene , se levantão , que segundo  
Antiguidades contaõ , quando ardêrão ,  
Rios de ouro , & de prata entãõ corrêrão ,



## XVII.

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,  
 Como cabeça alli de Europa toda,  
 Em cujo senhorio, & gloria estranha  
 Muitas voltas tem dado a fatal roda:  
 Mas nunca poderá com força, ou manha  
 A Fortuna inquieta porlhe nòda,  
 Que lha não tire o esforço, & ousadia  
 Dos bellicosos peitos, que em si cria.

## XVIII.

Com Tingitania entesta, & alli parece,  
 Que quer fechar o mar Mediterraneo  
 Onde o sabido Estreito se ennobrece  
 Com o extremo trabalho do Thebano:  
 Com nações differentes se engrandece,  
 Cercadas com as ondas do Oceano,  
 Todas de tal nobreza, & tal valor,  
 Que qualquer dellas cuida, que he melhor.

## XIX.

Tem o Tarragonez, que se fez claro,  
 Sugeitando Parténope inquieta,  
 O Navarro as Asturias, que reparo  
 Ja foraõ, contra a gente Mahometa:  
 Tem o Galego cauto, & o grande, & raro  
 Castelhana, a quem fez o seu Planeta  
 Restituidor de Espanha, & senhor della,  
 Bethis, Leaõ, Granada, com Castella.

## X X.

Eis aqui quasi cume da cabeça  
 De Europa toda , o Reyno Lusitano ,  
 Onde a terra se acaba , & o mar começa ,  
 E onde Phebo repousa no Oceano :  
 Esta quiz o Ceo justo , que floresa  
 Nas armas , contra o torpe Mauritano ,  
 Deitandoo de si fóra , & lâ na ardente  
 Africa , estar quieto o não consente.

## X X I.

Esta he a ditosa patria minha amada ,  
 A qual , se o Ceo me dá , que eu sem perigo  
 Torne com esta empresa ja acabada ,  
 Acabese esta luz alli comigo :  
 Esta foi Lusitania derivada  
 De Luso , ou Lyfa , que de Baccho antigo ,  
 Filhos forão , parece , ou companheiros ,  
 E nelle então os Incolas primeiros.

## X X I I.

Desta o Pastor nasceo , que no seu nome  
 Se vê , que de homem forte os feitos teve ,  
 Cujá fama , ninguem virá , que dome ,  
 Pois a grande de Roma não se atreve :  
 Esta o velho , que os filhos propios come ,  
 Por decreto do Ceo , ligeiro , & leve ,  
 Veo a fazer no mundo tanta parte ,  
 Criandoa Reyno illustre , & foi desta arte.

## X X I I I.

Hú Rey, por nome Affonso, foi na Espanha,  
 Que fez aos Sarracenos tanta guerra,  
 Que por armas fanguineas, força, & manha,  
 A muitos fez perder a vida, & terra:  
 Voando deste Rey a fama estranha,  
 Do Herculano Caspe a Caspia serra,  
 Muitos ( para na guerra esclarecerse )  
 Vinhão a elle, & á morte offerecerse.

## X X I V.

E cum amor intrinseco acendidos  
 Da Fè, mais que das honras populares,  
 Eraõ de varias terras conduzidos,  
 Deixando a patria amada, & propios lares:  
 Depois que em feitos altos, & subidos  
 Se mostrarão nas armas singulares,  
 Quiz o famoso Affonso, que obras taes,  
 Levassem premio digno, & doés iguaes.

## X X V.

Destes Henrique dizem, que segundo  
 Filho d'hum Rey de Ungria experimentado,  
 Portugal houve em sorte, que no mundo  
 Então não era illustre, nem prezado:  
 E para mais final de amor profundo,  
 Quiz o Rey Castelhana, que casado  
 Com Teresa sua filha o Conde fosse,  
 E com ella das terras tomou posse.

Este

## XXVI.

Este depois que contra os descendentes  
 Da escrava Agar vitorias grandes teve,  
 ganhando muitas terras adjacentes,  
 Fazendo, o que a seu forte peito deve:  
 Em premio destes feitos excellentes,  
 Deolhe o supremo Deos em tempo breve,  
 Hum filho, que illustrasse o nome ufano,  
 Do bellicoso Reyno Lusitano.

## XXVII.

Ja tinha vindo Henrique da conquista  
 Da Cidade Hierosolyma sagrada,  
 E do Jordão a area tinha vista;  
 Que não tendo Gotfredo, a quem resistia,  
 Depois de ter Judéa sobjugada,  
 Muitos, que nestas guerras o ajudarão  
 Para seus senhorios se tornarão.

## XXVIII.

Quando chegado ao fim de sua idade  
 O forte, & famoso Ungaro estremado,  
 Forçado da fatal necessidade,  
 O espirito deu a quem lho tinha dado:  
 Ficava o filho em tenra mocidade,  
 Em quem o pay deixava seu traslado,  
 Que do mundo os mais fortes igualava,  
 Que de tal pay, tal filho se esperava.

Tom. I.

H



## X X I X.

Mas o velho rumor , não sei se errado ,  
 ( Que em tanta antiguidade não ha certeza )  
 Conta , que a mãy tomando todo o estado ,  
 Do segundo Hymenèo não se despreza :  
 O filho orfaõ deixava desherdado ,  
 Dizendo , que das terras a grandeza ,  
 E o senhorio todo sò seu era ,  
 Porque para casar , seu pay lhas dera.

## X X X.

Mas o Principe Affonso , que desta arte  
 Se chamava , do Avo tomando o nome ,  
 Vendose em suas terras não ter parte ,  
 Que a mãy , cõ seu marido as manda , & come:  
 Fervendolhe no peito o duro Marte ,  
 Imagina consigo como as tome ,  
 Revolidas as cousas no conceito ,  
 Ao proposito firme segue o effeito.

## X X X I.

De Guimaraens o campo se tingia  
 Co sangue proprio da intestina guerra ,  
 Onde a mãy , que taõ pouco o parecia ,  
 A seu filho negava o amor , & a terra :  
 Com elle posta em campo ja se via ,  
 E não vé a soberba o muito que erra ,  
 Contra Deos , contra o maternal amor ,  
 Mas nella o sensual era mayor.

## XXXII.

O' Progne crua , ó magica Medea ,  
 Se em vossos proprios filhos vos vingais ,  
 Da maldade dos pays , da culpa alhea ,  
 Olhai que inda Terefa pecca mais :  
 Incontinencia mã , cobiça fea ,  
 São as causas deste erro principais ;  
 Scylla por huma mata o velho pay ,  
 Esta por ambas , contra o filho vay .

## XXXIII.

Mas ja o Principe claro o vencimento  
 Do padraſto , & da iniqua mãy levava ,  
 Ja lhe obedece a terra num momento ,  
 Que primeiro contra elle pelejava :  
 Porém vencido de ira o entendimento ,  
 A mãy em ferros asperos atava ,  
 Mas de Deos foi vingada em tempo breve ,  
 Tanta veneraçã aos pays ſe deve .

## XXXIV.

Eis ſe ajunta o ſoberbo Caſtelhano  
 Para vingar a injuria de Terefa ,  
 Contra o taõ raro em gente Luſitano ,  
 A quem nenhum trabalho agrava , ou peſa :  
 Em batalha cruel o peito humano ,  
 Ajudado da Angelica deſeſa ,  
 Naõ ſõ contra tal furia ſe ſuſtenta ,  
 Mas o inimigo aſperrimo aſugenta .

H ij

## X X X V.

Não passa muito tempo , quando o forte  
 Principe em Guimaraens está cercado ,  
 De infinito poder , que desta forte ,  
 Foi refazerse o imigo magoado :  
 Mas com se offerecer à dura morte ,  
 O fiel Egas amo , foi livrado ,  
 Que de outra arte pudera ser perdido ,  
 Segundo estava mal apercebido.

## X X X V I.

Mas o leal vassallo , conhecendo  
 Que seu senhor não tinha resistencia ,  
 Se vai ao Castelhana , prometendo ,  
 Que elle faria darlhe obediencia :  
 Levanta o inimigo o cerco horrendo ,  
 Fiado na promessa , & consciencia  
 D'Egas Moniz : mas não consente o peito  
 Do moço illustre , à outrem ser fogeito.

## X X X V I I.

Chegado tinha o praso prometido ,  
 Em que o Rey Castelhana ja aguardava ,  
 Que o Principe à seu mando sobmetido ,  
 Lhe desse a obediencia , que esperava :  
 Vendo Egas , que ficava fementido ,  
 O que delle Castella não cuidava ,  
 Determina de dar a doce vida ,  
 A troco da palavra mal cumprida.



## XXXVIII.

E com seus filhos, & mulher se parte  
 A levantar com elles a fiança,  
 Descalços, & despídos, de tal arte,  
 Que mais move a piedade, que a vingança:  
 Se pretendes, Rey alto, de vingarte,  
 De minha temeraria confiança,  
 Dizia, eis aqui venho offerecido  
 A te pagar co a vida o prometido.

## XXXIX.

Ves aqui trago as vidas innocentes,  
 Dos filhos sem peccado, & da conforte,  
 Se a peitos generosos, & excellentes  
 Dos fracos satisfaz a fera morte:  
 Ves aqui as mãos, & a lingua delinquentes,  
 Nellas sôs exprimenta toda a forte  
 De tormentos, de mortes, pello estillo  
 De Scinis, & do touro de Perillo.

## XL.

Qual diante do algoz o condemnado,  
 Que ja na vida a morte tem bebido,  
 Poem no cepo a garganta, & ja entregado,  
 Espera pello golpe tam temido;  
 Tal diante do Principe indignado,  
 Egas estava a tudo offerecido:  
 Mas o Rey, vendo a estranha lealdade,  
 Mais pôde em fim, que a ira, a piedade.

H iij

## X L I.

O' gram fidelidade Portugueſa ,  
 De vaſſallo , que a tanto ſe obrigava !  
 Que mais o Perſa fez naquella empreſa ,  
 Onde roſto , & narizes ſe cortava ?  
 Do que ao grande Dario tanto peſa ,  
 Que mil vezes dizendo , ſuſpirava ,  
 Que mais o ſeu Zopyro ſaõ prezâra ,  
 Que vinte Babilonias , que tomâra.

## X L I I.

Mas já o Principe Affonſo aparelhava  
 O Luſitano exercito ditoſo ,  
 Contra o Mouro , que as terras habitava ,  
 De alem do claro Tejo deleitoſo :  
 Já no campo de Ourique ſe aſſentava  
 O arrayal ſoberbo , & bellicoſo ,  
 Defronte do inimigo Sarraceno ,  
 Poſto que em força , & gente taõ pequeno.

## X L I I I.

Em nenhuma outra couſa confiado ,  
 Senaõ no ſummo Deos , que o Ceo regia ,  
 Que tam pouco era o povo bautizado ,  
 Que para hum ſõ cem Mouros haveria :  
 Julga qualquer juizo ſoſlegado  
 Por mais temeridade , que ouſadia ,  
 Cometer hum tamanho ajuntamento ,  
 Que para hum cavalleiro houveſſe cento.

CANTO III. 91

X L I V.

Cinco Reys Mouros são os inimigos,  
 Dos quaes o principal Ifmar se chama,  
 Todos experimentados nos perigos  
 Da guerra, onde se alcãça a illustre fama:  
 Seguem guerreiras damas seus amigos,  
 Imitando a formosa, & forte dama,  
 De quem tanto os Trojanos se ajudarão,  
 E as que o Termodonte ja gostarão.

X L V.

A matutina luz serena, & fria  
 As Estrellas do Polo ja apartava,  
 Quando na Cruz o Filho de M A R T I A,  
 Monstrandose a Affonso o animava:  
 Elle adorando, quem lhe apparecia,  
 Na Fè todo inflamando, assi gritava:  
 Aos infieis, Senhor, aos infieis,  
 E não à mi, que creio o que podeis.

X L V I.

Com tal milagre os animos da gente  
 Portuguesa inflamados, levantavaõ  
 Por seu Rey natural este excellente  
 Principe, que do peito tanto amavaõ:  
 E diante do exercito potente  
 Dos imigos gritando, o Ceo tocavaõ,  
 Dizendo em alta voz, Real, Real,  
 Por Affonso alto Rey de Portugal.



## XLVII.

Qual cos gritos , & vozes incitado ,  
 Pella montanha , o rabido molofo ,  
 Contra o touro remete , que fiado  
 Na força está do corno temeroso :  
 Ora péga na orelha , ora no lado ,  
 Latindo mais ligeiro , que forçoso ,  
 Até que em fim rompendolhe a garganta ,  
 Do bravo a força horrenda se quebranta.

## XLVIII.

Tal do Rey novo o estamago acendido  
 Por Deos , & pello povo juntamente ,  
 O barbaro comete apercebido ,  
 Com animoso exercito rompente :  
 Levantão nisto os perros o alarido ,  
 Dos gritos , tocaõ arma , ferve a gente ,  
 As lancas , & arcos tomão , tubas soaõ ,  
 Instrumentos de guerra tudo atroaõ.

## XLIX.

Bem como quando a flama , que ateadã  
 Foi nos aridos campos ( affoprando  
 O fibilante Boreas ) animada  
 Co vento o seco mato vai queimando:  
 A pastoral companhia , que deitada  
 Co doce sono estava , despertando  
 Ao estidor do fogo , que se atea ,  
 Recolhe o fato , & foge para a aldeã,

CANTO III. 93

L.

Deſta arte o Mouro attonito , & turbado ,  
Toma ſem tento as armas mui depreſſa ,  
Não foge , ma eſpera confiado ,  
E o ginete belligero arremeſſa :  
O Portuguez o encontra denødado ,  
Pellos peitos as lanças lhe atravella ,  
Huns caem meyo mortos , & outros vaõ  
A ajuda convocando do Alcorão.

L I.

A'li ſe veem encontros temeroſos ,  
Pata ſe deſfazer hũa alta ferra ,  
E os animaes correndo furioſos ,  
Que Neptuno moſtrou ferindo a terra :  
Golpes ſe daõ medonhos , & forçoſos ,  
Por toda a parte andava aceſa a guerra ,  
Mas o de Luſo arnez , couraça , & malha ,  
Rompe , corta , deſfaz , abolla , & talha.

L I I.

Cabeças pello campo vaõ ſaltando ,  
Braços , pernas , ſem dono , & ſem ſentido ,  
E d'outros as entranhas palpitando ,  
Pallida a cor , & o geſto amortecido :  
Ja perde o campo o exercito nefando ,  
Correm rios do ſangue deſparſido ,  
Com que tambem do cãpo a cor ſe perde ,  
Tornando Carmeſi de branco , & verde.



## L I I I.

Ja fica vencedor o Lusitano ,  
 Recolhendo os trofeos , & presa rica ,  
 Desbaratado , & roto o Mauro Hispano ,  
 Tres dias o gram Rey no campo fica :  
 Aqui pinta no branco escudo ufano ,  
 Que agora esta vitoria certifica ,  
 Cinco escudos azues esclarecidos ,  
 Em sinal destes cinco Reys vencidos.

## L I V.

E nestes cinco escudos pinta os trinta  
 Dinheiros , porque Deos fora vendido ,  
 Escrivendo a memoria em varia tinta ,  
 Daquelle , de quem foi favorecido :  
 Em cada hum dos cinco , cinco pinta ,  
 Porque assi fica o numero cumprido ,  
 Contando duas vezes o do meyo  
 Dos cinco azues , que em Cruz pintando veyo.

## L V.

Passado ja algum tempo , que passada  
 Era esta gram vitoria , o Rey subido  
 A tomar vai Leiria , que tomada  
 Fora , mui pouco havia , do vencido :  
 Com esta a forte Arronches sobjugada  
 Foi juntamente , & o sempre ennobrecido  
 Scabelicastro , cujo campo ameno  
 Tu claro Tejo regas taõ sereno.

## LVI.

A estas nobres Villas sobmetidas ,  
 Ajunta tambem Mafra em pouco espaço ,  
 E nas ferras da Lua conhecidas ,  
 Sobjuga a fria Cintra o duro braço :  
 Cintra , onde as Nayades escondidas  
 Nas fontes , vaõ fugindo o doce laço ,  
 Onde amor as enreda brandamente ,  
 Nas agoas acendendo fogo ardente.

## LVII.

E tu , nobre Lisboa , que no mundo  
 Facilmente das outras es Princesa ,  
 Que edificada foste do facundo ,  
 Por cujo engano foi Dardania acesa :  
 Tu a quem obedece o mar profundo ,  
 Obadeceste à força Portuguesa ,  
 Ajudada tambem da forte Armada ,  
 Que das Boreas partes foi mandada.

## LVIII.

Lá do Germanico Albis , & do Rheno ,  
 E da fria Bretanha conduzidos ,  
 A destruir o pove Sarraceno ,  
 Muitos com tenção santa eraõ partidos :  
 Entrando a boca ja do Tejo ameno ,  
 Com o arrayal do grande Affonso unidos ,  
 Cuja alta fama entaõ subia aos Ceos ,  
 Foi posto cerce aos muros Ulißeos.

## L I X.

Cinco vezes a Lua se escondéra,  
 E outras tantas mostrára cheo o rosto;  
 Quando a Cidade entrada se rendéra  
 Ao duro cerco, que lhe estava posto:  
 Foi a batalha tão sanguinea, & fera,  
 Quanto obrigava o firme presuposto,  
 De vencedores asperos, & oufados,  
 E de vencidos ja desesperados.

## L X.

Defta arte em fim tomada se rendeo  
 Aquella, que nos tempos ja passados  
 A' grande força nunca obedeceo;  
 Dos frios povos Scyticos oufados:  
 Cujo poder a tanto se estendeo,  
 Que o Ibero o vio, & o Tejo amedrentador,  
 E em fim do Bethis tanto alguns poderao,  
 Que à terra de Vandalia nome derao.

## L X I.

Que Cidade tão forte, por ventura  
 Haverá que resista, se Lisboa  
 Não pode resistir à força dura  
 Da gente, cuja fama tanto voa?  
 Ja lhe obedece toda a Estremadura,  
 Obidos, Alamquer, por onde soa  
 O tom das frescas agoas entre as pedras,  
 Que mormurando lavão, & Torres vedras.

E



## L X I I.

E vós tambem , ó terras Transtaganas ,  
 Affamadas co dom da flava Ceres ,  
 Obedeceis às forças mais que humanas ,  
 Entregandolhe os muros , & os poderes :  
 E tu lavrador Mouro , que te enganas ,  
 Se sustentar a fertil terra queres ,  
 Que Elvas & Moura , & Serpa conhecidas ;  
 E Alçaçare do Sal estaõ rendidas.

## L X I I I.

Eis a nobre Cidade , certo assento  
 Do rebelde Sertorio antigamente ,  
 Onde ora as agoas nitidas de argento ,  
 Vem sustentar de longe a terra , & a gente ;  
 Pellos arcos reaes , que cento , & cento ,  
 Nos ares se levantaõ nobremente ,  
 Obedeeço por meyo & oufadia  
 De Giraldo , que medos não temia.

## L X I V.

Ja na Cidade Beja vai tomar  
 Vingança de Trancofo destruida ,  
 Affonso , que não sabe sossegar ,  
 Por estender co a fama a curta vida :  
 Não se lhe pode muito sustentar  
 A Cidade , mas sendo já rendida ,  
 Em toda a coufa viva a gente irada ,  
 Provando os fios yai da dura espada.

Tom. I.

I



## L X V.

Com estas sobjugada foi Palmella ,  
 E a piscosa Cezimbra , & juntamente ,  
 Sendo ajudado mais de sua estrella ,  
 Desbarata hum exercito potente :  
 Sentioo a Villa , & vio o senhor della ,  
 Que a focorrella vinha diligente ,  
 Pella fralda da serra descuidado ,  
 Do temeroso encontro inopinado .

## L X V I.

O Rey de Badajoz era alto Mouro ,  
 Com quatro mil cavallos furiosos ,  
 Innumeros pioens , d'armas , & de ouro  
 Guarnecidos , guerreiros , & lustrosos :  
 Mas qual no mez de Mayo o bravo touro ,  
 Cos ciumes das vacas receosos ,  
 Sentindo gente , bruto , & cego amante ,  
 Saltea o descuidado caminhante .

## L X V I I.

Desta arte Affonso , subito mostrado ,  
 Na gente dâ , que passa bem segura ,  
 Fere , mata , derriba denodado ,  
 Foge o Rey Mouro , & sô da vida cura :  
 De hum panico terror todo affombrado ,  
 Só de seguillo o exercito procura ,  
 Sendo estes que fizerao tanto abalo ,  
 Não mais , que sô sessenta de cavale .

## L X V I I I.

Logo segue a vitoria sem tardança  
 O grão Rey incançavel, ajuntando  
 Gentes de todo o Reyno, cuja ufança,  
 Era andar sempre terras conquistando:  
 Cercar vai Badajoz, & logo alcança  
 O fim de seu desejo pelejando  
 Com tanto esforço, & arte, & valentia,  
 Que a fez fazer às outras companhia.

## L X I X.

Mas o alto Deos, que para longe guarda  
 O castigo daquelle, que o merece,  
 Ou para que se emmende às vezes tarda,  
 Ou por-segredo, que homem não conhece:  
 Se até aqui o forte Rey resguarda,  
 Dos perigos a que elle se offerece:  
 Agora lhe não deixa ter defesa,  
 Da maldição da mãy, que estava presa.

## L X X.

Que estando na Cidade, que cercâra;  
 Cercado nella foi dos Leoneses,  
 Porque a conquista della lhe tomara,  
 De Leão sendo, & não dos Portugueses:  
 A pertinacia aqui lhe custa cara,  
 Assi como acontece muitas vezes,  
 Que em ferros quebra as pernas, indo aceso  
 A batalha, onde foi vencido, & preso,

## L X X I.

O' famoso Pompeio , não te pene  
 De teus feitos illustres a ruina ,  
 Nem ver que a justa Nemesis ordene ,  
 Ter teu sogro de ti vitoria indina :  
 Posto que o Rio Fasis , ou Syene ,  
 Que para nenhum cabo a sombra inclina ;  
 O Beotes gelado , & a linha ardente  
 Temessem o teu nome geralmente.

## L X X I I.

Posto que a rica Arabia , & que os ferozes  
 Eniocos , & Colchos , cuja fama  
 O véo dourado estende , & os Capadoces ,  
 E Judea , que hum Deos adora , & ama :  
 E que os moles Sofenos , & os atroces  
 Cilicios , com a Armenia , que derrama  
 As agoas dos dous rios , cuja fonte ,  
 Está n'outro mais alto , & santo monte.

## L X X I I I.

E posto em fim , que desdo mar de Athlante,  
 Até o Scythico Tauro , monte erguido ,  
 Ja vencedor te vissem , não te espante ,  
 Se o campo Emathio sò te vio vencido :  
 Porque Affonso verás soberbo , & ovante  
 Tudo render , & ser depois rendido ,  
 Assi o quiz o Conselho alto celeste ,  
 Que vença o sogro a ti , & o genro a este.

## L X X I V.

Tornado o Rey sublime finalmente,  
 Do divino Juizo castigado,  
 Depois que em Santarem soberbamente,  
 Em vão dos Sarracenos foi cercado:  
 E depois que do Martyre Vicente  
 O santissimo corpo venerado,  
 Do sacro promontorio conhecido,  
 A' Cidade Ulyſſea foi trazido.

## L X X V.

Porque levasse avante seu deſejo,  
 Ao forte filho manda o laſſo velho,  
 Que ás terras ſe paſſaſſe de Alem-Tejo,  
 Com gente, & com belligero aparelho:  
 Sancho de eſforço, & animo fobejo,  
 Avante paſſa, & faz correr vermelho  
 O Rio, que Sevilha vai regando,  
 Co ſangue Mouro, barbaro, & nefando.

## L X X V I.

E com eſta vitoria cobiçoſo,  
 Ja não deſcança o moço, até que veja  
 Outro eſtrago, como eſte, temeroſo  
 No barbaro, que tem cercado Beja:  
 Não tarda muito o Principe ditoſo,  
 Sem ver o fim daquillo, que deſeja,  
 Aſſi eſtragado o Mouro, na vingança  
 De tantas perdas poem ſua eſperança.

## L X X V I I .

Ja se juntao do monte , a quem Medusa  
 O corpo fez perder , que teve o Ceo ,  
 Ja vem do promontorio de Ampelusa ,  
 E do Tinge , que assento foi de Anteo :  
 O morador de Abila nao se escusa ,  
 Que tambem com suas armas se moveo ,  
 Ao som da Mauritana , & rouca tuba ,  
 Todo o Reyno , que foi da nobre Juba .

## L X X V I I I .

Entrava com toda esta companhia ,  
 O Miralmumini em Portugal ,  
 Treze Reys Mouros leva de valia ,  
 Entre os quaes tem o Ceptro Imperial :  
 E assi fazendo quanto mal podia ,  
 O que em partes podia fazer mal ,  
 Dom Sancho vai cercar em Santarem ,  
 Porém nao lhe succede muito bem .

## L X X I X .

Dalhe combates asperos , fazendo  
 Ardis de guerra mil o Mouro iroso ,  
 Nao lhe aproveita ja trabuco horrendo  
 Mina secreta , ariete forçoso :  
 Porque o filho de Affonso , nao perdendo  
 Nada do esforço , & acordo generoso ,  
 Tudo provè com animo , & prudencia ,  
 Que em toda a parte ha esforço , & resistencia .

## L X X X.

Mas o velho, a quem tinhão já obrigado  
 Os trabalhos os annos ao foflego,  
 Eftando na Cidade, cujo prado  
 Enverdecem as agoas do Mondego:  
 Sabendo como o filho eftà cercado,  
 Em Santarem do Mouro, povo cego,  
 Se parte diligente da Cidade,  
 Que não perde a prefteza com a idade.

## L X X X I.

E co a famosa gente à guerra ufada,  
 Vai foccorrer o filho, & affi juntados,  
 A Portuguefa furia costumada,  
 Em breve os Mouros tem desbaratados:  
 A campina, que toda eftà qualhada  
 De marlotas, capuzes variados,  
 De cavallos, jaezes, presa rica,  
 De feus fenhores mortos, chea fica.

## L X X X I I.

Logo todo o refante fe partio  
 De Lufitania, postos em fugida,  
 O Miralmumini fò não fugio,  
 Porque antes de fugir, lhe foge a vida:  
 A quem lhe efta victoria permitio,  
 Daõ louvores, & graças fem medida,  
 Que em cafes taõ eſtranhos, claramente  
 Mais pejeja o favor de Deos, que a genta.

## L X X X I I I.

De tamanhas vitorias triumphava  
 O velho Affonso, Principe subido,  
 Quando, quem tudo em fim vencendo andava  
 Da larga, & muita idade foi vencido:  
 A pallida doença lhe tocava  
 Com fria mão o corpo enfraquecido,  
 E pagáráo seus annos deste geito,  
 A' triste Libitina seu direito.

## L X X X I V.

Os altos promontorios o choráráo,  
 E dos rios as agoas faudofas,  
 Os semeados campos alagáráo,  
 Com lagrimas correndo piedofas:  
 Mas tanto pello mundo se alargáráo,  
 Com fama suas obras valerofas,  
 Que sempre no seu Reyno chamaráó,  
 Affonso, Affonso os eccos, mas em vaó.

## L X X X V.

Sancho forte mancebo, que ficára  
 Imitando seu pay na valentia,  
 E que em sua vida ja se exprimentára,  
 Quando o Bethis de fangue se tingia:  
 E o barbaro poder desbaratára  
 Do Ismaelita Rey de Andaluzia,  
 E mais quando, os que Beja em vão cercatáó  
 Os golpes de seu braço em ú prováráó.



## L X X X V I.

Depois que foi por Rey alevantado ,  
 Havendo poucos annos que reynava ,  
 A cidade de Sylves tem cercado ,  
 Cujos campos o barbaro lavrava :  
 Foi das valentes gentes ajudado  
 Da Germanica armada , que passava ,  
 De armas fortes , & gente apercebida ,  
 A recobrar Judea , ja perdida.

## L X X X V I I.

Passavão a ajudar na santa empresa  
 O roxo Federico , que moveo  
 O poderoso exercito em defesa  
 Da Cidade , onde Christo padeceo :  
 Quando Guido co a gente em sede acefa  
 Ao grande Saladino se rendeo ,  
 No lugar onde aos Mouros sobejavão  
 As agoas , que os de Guido defejavão.

## L X X X V I I I.

Mas a fermosa armada , que viera ,  
 Por contraste de vento àquella parte ,  
 Sancho quiz ajudar na guerra fera ,  
 Ja que em serviço vai do santo Marte :  
 Assim como a seu pay acontecêra ,  
 Quando tomou Lisboa , da mesma arte ,  
 Do Germano ajudado , Sylves toma ,  
 E o bravo morador destroe , & doma.

## L X X X I X.

E se tantos trofeos do Mahometa ,  
 Alevantando vai , tambem do forte  
 Leonés , não consente estar quieta ,  
 A terra ufada aos casos de Mavorte :  
 Até que na cerviz seu jugo meta  
 Da soberba Tui , que a mesma forte ,  
 Vio ter a muitas Villas suas vizinhas ,  
 Que por armas , tu Sancho , humildes tinhas.

## X C.

Mas entre tantas palmas falcado  
 Da temerosa morte , fica herdeiro  
 Hum filho seu , de todos estimado ,  
 Que foi segundo Affonso , & Rey terceiro :  
 No tempo deste aos Mouros foi tomado  
 Alcaçare do Sal por derradeiro ,  
 Porque de antes os Mouros o tomáráo ,  
 Mas agora estruidos o pagaráo.

## X C I.

Morto depois Affonso , lhe succede  
 Sancho segundo , manço , & descuidado ,  
 Que tanto em seus descuidos se desmede ,  
 Que de outrem , que mandava , era mandado :  
 De governar o Reyno , que oútro pede ,  
 Por causa dos privados , foi privado ,  
 Porque como por elles se regia ,  
 Em todos os seus vicios consentia.

## X C I I.

Não era Sancho , não , tão deshonesto ;  
 Como Nero , que hum moço recebia  
 Por mulher , & depois horrendo incesto ,  
 Com a mãy Agripina cometia :  
 Nem tão cruel às gentes , & molesto ,  
 Qué a Cidade queimasse , onde vivia ,  
 Nem tão mao , como foi Heliogabalo ,  
 Nem como o molle Rey Sardinapalo .

## X C I I I.

Nem era o povo seu tiranizado ,  
 Como Sicilia foi de seus tiranos ,  
 Nem tinha , como Falaris , achado  
 Generos de tormentos inhumanos :  
 Mas o Reyno de altivo , & costumado  
 A senhores em tudo soberanos ,  
 A Rey não obedece , nem consente ,  
 Que não for mais que todos excellente .

## X C I V.

Por esta causa o Reyno governou  
 O Conde Bolonhez , depois alçado  
 Por Rey , quando da vida se apartou  
 Seu irmão Sancho , sempre ao ocio dado :  
 Este Affonso o Terceiro se chamou ,  
 E desque teve o Reyno segurado ,  
 Em dilatato , cuida , que em terreno ,  
 Não cabe o altivo peito tão pequeno .

## X C V.

Da terra dos Algarves, que lhe fora  
 Em casamento dada, grande parte  
 Recupera co braço, & deita fóra  
 O Mouro mal querido ja de Marte:  
 Este de todo fez livre, & senhora  
 Lusitania com força, & bellica arte,  
 E acabou de opprimir a nação forte  
 Na terra, que aos de Luso coube em forte.

## X C V I.

Eis depois vem Diniz, que bení parece  
 Do bravo Affonso estirpe nobre, & dina,  
 Com quem a fama grande se escurece  
 Da liberalidade Alexandrina:  
 Com este o Reyno prospero florece,  
 (Alcançada já a paz, aurea divina)  
 Em constituições, leys, & costumes,  
 Na terra ja tranquilla claros lumes.

## X C V I I.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se  
 O valeroso officio de Minerva,  
 E de Helicon a Musas fez passar-se,  
 A pisar do Mondego a fertil erva:  
 Quanto pôde de Athenas desejar-se,  
 Tudo o soberbo Apollo aqui reserva,  
 Aqui as capellas dá tecidas de ouro,  
 Do Baccaro, & do sempre verde Louro.

Nobres

## XCVIII.

Nobres Villas de novo edificou ,  
 Fortalezas , castellos mui seguros ,  
 E quasi o Reyno todo reformou ,  
 Com edificios grandes , & altos muros :  
 Mas depois que a dura Atropos cortou  
 O fio de seus dias ja maduros ,  
 Ficoulhe o filho pouco obediente ,  
 Quarto Affonso , mas forte , & excellente.

## XCIX.

Este sempre as soberbas Castellhanas ,  
 Com peito desprezou firme , & sereno ,  
 Porque não he das forças Lusitanas ,  
 Temer poder maior , por mais pequeno :  
 Mas porèm quando as gentes Mauritanas ,  
 A possuir o Esperico terreno ,  
 Entráraõ pellas terras de Castilla ,  
 Foi o soberbo Affonso a foccorrella.

## C.

Nunca com Semiramis gente tanta  
 Veyo os campos Hidaspicos enchendo ,  
 Nem Attila , que Italia toda espanta ,  
 Chamandose de Deos açoute horrendo ,  
 Gottica gente trouxe tanta , quanta  
 Do Sarraceno barbaro estupendo ,  
 Co poder excessivo de Granada ,  
 Foi nos campos Tartesios ajuntada.

Tom. I.

K



## C I.

E vendo o Rey sublime Castelhana ,  
 A força inexpugnavel , grande , & forte ,  
 Temendo mais o fim do povo Ispano  
 Ja perdido huma vez , que a propria morte :  
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano ,  
 Lhe mandava a charissima consorte ,  
 Mulher de quem a manda , & filha amada  
 Daquelle , a cujo Reyno foi mandada.

## C I I.

Entrava a fermosissima Maria ,  
 Pellos paternaes paços sublimados ,  
 Lindo o gesto , mas fôra de alegria ,  
 E seus olhos em lagrimas banhados :  
 Os cabellos angelicos trazia  
 Pellos eburneos hombros espalhados ,  
 Diante do pay ledo , que a agasalha ,  
 Estas palavras taes chorando espalha.

## C I I I.

Quantos povos a terra produzio  
 De Africa toda , g nte fera , & estranha ,  
 O graõ Rey de Marrocos conduzio ,  
 Para vir possuir a nobre Espanha :  
 Poder tamanho junto não se vio ,  
 Depois que o salso mar a terra banha :  
 Traz tal ferocidade , & furor tanto ,  
 Que a vivos medo , & a mortos faz espanto.

## CANTO III. III.

## C I V.

Aquelle, que me dêste por marido,  
 Por defender sua terra amedrontada,  
 Co pequeno poder offerecido  
 Ao duro golpe està da Maura espada:  
 E se não for contigo focorrido,  
 Vermhás delle, & do Reyno ser privada,  
 Viuva triste, & posta em vida escura,  
 Sem marido, sem Reyno, & sem ventura.

## C V.

Por tanto, ò Rey, de quem com puro medo,  
 O corrente Muluca se congela,  
 Rompe toda a tardança, acude cedo  
 A' miseravel gente de Castella:  
 Se esse gesto que mostras claro, & ledo,  
 De pay o verdadeiro amor affella,  
 Acude, & corre pay, que se não corres,  
 Pòde ser que não aches quem foccorres.

## C V I.

Naõ de outra forte a timida Maria  
 Fallando està, que a triste Venus, quando  
 A Jupiter seu pay favor pedia,  
 Para Eneas seu filho navegando:  
 Que a tanta piedade o commovia,  
 Que cahido das mãos o rayo infando,  
 Tudo o clemente Padre lhe concede,  
 Pezandolhe do pouco que lhe pede.

K ij

## C V I I.

Mas ja cos esquadroés da gente armada ,  
 Os Eborenses campos vão qualhados ,  
 Lustra co Sol o arnés , a lança , a espada ,  
 Vão rinchando os cavallos jaezados :  
 A canora trombeta embandeirada ,  
 Os coraçoes à paz acostumados ,  
 Vai às fulgentes armas incitando ,  
 Pellas concavidades retumbando.

## C V I I I.

Entre todos no meyo se sublima ;  
 Das insignias Reaes acompanhado ,  
 O valeroso Affonso , que por cima  
 De todos , leva o collo levantado :  
 E sômente co gesto esforça , & anima  
 A qualquer coraçao amedrontado :  
 Assi entra nas terras de Castella ,  
 Com a filha gentil Raynha della.

## C I X.

Juntos os dous Affonsos finalmente  
 Nos campos de Tarifa , estaõ defronte  
 Da grande multidão da cega gente ,  
 Para quem são pequenos campo , & monte :  
 Não ha peito tão alto , & tão potente ,  
 Que de desconfiança não se afronte ,  
 Em quanto não conheça , & claro veja ,  
 Que co braço dos seus Christo pejeja.



## C X.

Estaõ de Agar os netos quasi rindo ,  
 Do poder dos Christãos , fraco , e pequeno ,  
 As terras como suas repartindo  
 Ante maõ , entre o exercito Agareno :  
 Que com titulo falso possuindo  
 Está o famoso nome Sarraceno ,  
 Assim tambem com falsa conta , & nua ,  
 A' nobre terra alhea , chamão sua.

## C X I.

Qual o membrudo , & barbaro Gigante ,  
 Do Rey Saul , com causa taõ temido ,  
 Vendo o Pastor inerme estar diante ,  
 Só de pedras , & esforço apercebido :  
 Com palavras soberbas arrogante ,  
 Despreza o fraco moço mal vestido ,  
 Que rodeando a funda o defengana ,  
 Quanto mais pôde a fê , que a força humana.

## C X I I.

Desta arte o Mouro perfido despreza  
 O poder dos Christãos , & não entende ,  
 Que está ajudado da alta Fortaleza ,  
 A quem o inferno horrifico se rende :  
 Com ella o Castelhana , & com destreza ,  
 De Marrocos o Rey comete , & offende ,  
 O Portuguez , que tudo estima em nada ,  
 Se faz temer ao Reyno de Gránada.

K iij

## CXIII.

Eis as lanças, & espadas retenião  
 Por cima dos arnefes, bravo estrago,  
 Chamão (segundo as leys, que alli seguião)  
 Huns Mafamede, & outros San-Tiago:  
 Os feridos com grita o Ceo ferião,  
 Fazendo de seu fangue bruto lago,  
 Onde outros meynos mortos se afogavão,  
 Quando do ferro as vidas escapavão.

## CXIV.

Com esforço tamanho estrue, & mata  
 O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,  
 Totalmente o poder lhe desbarata,  
 Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:  
 De alcançar tal vitoria tam barata,  
 Inda não bem contente o forte braço,  
 Vai ajudar ao bravo Castelhana,  
 Que pelejando está co Mauritano.

## CXV.

Ja se hia o Sol ardente recolhendo  
 Para a casa de Thetis, & inclinado  
 Para o ponente o vespero trazendo,  
 Estava o claro dia memorado:  
 Quando o poder do Mouro grãde, e horrendo  
 Foi pellos fortes Reys desbaratado,  
 Com tanta mortandade, que a memoria  
 Nunca no mundo vio tão grão vitoria.

CANTO III. 115

C X V I.

Naõ matou quarta parte o forte Mario ,  
Dos que morrêrão neste vencimento ,  
Quando as agoas co fangue do adversario  
Fez beber ao exercito sedento :  
Nem o Peno asperiffimo contrario  
Do Romano poder de nascimento ,  
Quando tantos matou da illustre Roma ,  
Que alqueires tres de aneis dos mortos toma.

C X V I I.

E se tu tantas almas sò pudeste  
Mandar ao Reyno escuro de Cocito ,  
Quando a santa Cidade desfizeste  
Do povo pertinaz no antigo rito :  
Permissãõ , & vingança foi celeste ,  
E não força de braço , ò nobre Tito ,  
Que assi dos Vates foi profetizado ,  
E depois por J E S U S certificado.

C X V I I I.

Passada esta tão prospera vitoria ,  
Tornado Affonso à Lusitana terra ,  
A se lograr da paz com tanta gloria ,  
Quanta soube ganhar na dura guerra :  
O' caso triste , & dino de memoria ,  
Que do sepulchro os homens defenterra ,  
Aconteceo da misera , & mesquinha ,  
Que depois de ser morta foi Raynha.



## C X I X.

Tu fô , tu puro amor , com força crua ,  
 Que os coraçõens humanos tanto obriga ,  
 Dêste causa à molesta morte sua ,  
 Como se fora perfida inimiga :  
 Se dizem fero amor , que a sede tua  
 Nem com lagrimas tristes se mitiga ,  
 He porque queres aspero , & tirano ,  
 Tuas aras banhar em fangue humano.

## C X X.

Estavas , linda Inez , posta em fofsego ,  
 De teus annos colhendo o doce fruto ,  
 Naquelle engano da alma , ledo , & cego ,  
 Que a Fortuna não deixa durar muito :  
 Nos saudosos campos do Mondego ,  
 De teus fermosos olhos nunca enxuto ,  
 Aos montes ensinando , & às ervinhas ,  
 O nome , que no peito escrito tinhas.

## C X X I.

Do teu Príncipe alli te respondião  
 As lembranças , que na alma lhe moravão ,  
 Que sempre ante feus olhos te trazião ,  
 Quando dos teus fermosos se apartavão :  
 De noite em doces sonhos , que mentião ,  
 De dia em pensamentos , que voavão ,  
 E quanto em fim cuidava , & quanto via ,  
 Eraõ tudo memorias de alegria.

## C X X I I.

D'outras bellas senhoras , & Princezas ,  
 Os desejados talamos engeita ,  
 Que tudo em fim , tu puro amor desprezas ,  
 Quando hum gesto suave te fugeita :  
 Vendo estas namoradas estranhezas ,  
 O velho pay fefudo , que respeita ,  
 O murmurar do povo , & fantasia  
 Do filho , que casarse não queria.

## C X X I I I.

Tirar Inez ao mundo determina ,  
 Por lhe tirar o filho , que tem preso ,  
 Crendo co sangue sô da morte indina  
 Matar do firme amor o fogo acefo :  
 Que furor consentio , que a espada fina ,  
 Que pode sustentar o grande peso  
 Do furor Mauro , fosse levantada ,  
 Contra huma fraca dama delicada ?

## C X X I V.

Traziaõna os horriferos algozes  
 Ante o Rey , ja movido a piedade ,  
 Mas o povo com fallas , & ferozes  
 Razoés , à morte crua o persuade :  
 Ella com tristes , & piedofas vozes ,  
 Sahidas sô da magoa , & saudade  
 Do seu Principe , & filhos , que deixava ,  
 Que mais que a propria morte a magoava.

## C X X V.

Para o Ceo cristalino levantando  
 Com lagrimas os olhos piedosos,  
 Os olhos, porque as mãos lhe estava atando  
 Hum dos duros ministros rigurofos:  
 E depois nos mininos atentando,  
 Que tão queridos tinha, & tão mimosos,  
 Cuja orfandade como mãy temia,  
 Para o avó cruel assi dizia.

## C X X V I.

Se ja nas brutas feras, cuja mente  
 Natura fez cruel de nascimento:  
 E nas aves agrestes, que sômente  
 Nas rapinas aerias tem o intento,  
 Com pequenas crianças vio a gente,  
 Terem tão piedoso sentimento,  
 Como co a mãy de Nino ja mostrâo,  
 E cos irmãos, que Roma edificârão.

## C X X V I I.

O' tu, que tens de humano o gesto, & peito,  
 ( Se de humano he matar huma donzella  
 Fraca, & sem força, só por ter fugeito  
 O coração, a quem soube vencella )  
 A estas criancinhas tem respeito,  
 Pois o não tens à morte escura della,  
 Move a piedade sua, & minha,  
 Pois te não move a culpa, que não tinha.

CANTO III. 119

C X X V I I I .

E se vencendo a Maura resistencia ,  
 A morte sabes dar com fogo , & ferro ,  
 Sabe tambem dar vida com clemencia ,  
 A quem para perdella não fez erro :  
 Mas se to assi merece esta innocencia ,  
 Poemrne em perpetuo , & misero desterro  
 Na Scythia fria , ou lá na Libia ardente ,  
 Onde em lagrimas viva eternamente .

C X X I X .

Poemrne onde se use toda a feridade ,  
 Entre Leoens , & Tigres , & verei  
 Se nelles achar posso a piedade ,  
 Que entre peitos humanos não achei :  
 Alli co amor intrinseco , & vontade ,  
 Naquelle por quem morro , criarei  
 Estas reliquias suas , que aqui viste ,  
 Que refrigerio sejaõ da mãy triste .

C X X X .

Queria perdoarlhe o Rey benigno ,  
 Movido das palávras , que o magoaõ ,  
 Mas o pertinaz povo , & seu destino ,  
 ( Que desta forte o quiz ) lhe não perdoãõ :  
 Arrancão das espadas de aço fino ,  
 Os que por bom tal feito alli pregoãõ ,  
 Contra huma dama , ò peitos carnicieiros ,  
 Ferozes vos mostraes , & cavalcieiros .



## C X X X I.

Qual contra a linda moça Policena ,  
 Consolação extrema da mãy velha ,  
 Porque a sombra de Achilles a condena ,  
 Co ferro o duro Pirro se aparelha :  
 Mas ella os olhos , com que o ar serena  
 ( Bem como paciente , & mansa ovelha )  
 Na misera mãy postos , que endoudece ,  
 Ao duro sacrificio se offerece.

## C X X X I I.

Taes contra Inez os brutos matadores ,  
 No collo de alabastro , que fostinha  
 As obras , có que amor matou de amores  
 A' quelle , que depois a fez Raynha :  
 As espadas banhando , & as brancas flores ,  
 Que ella dos olhos seus regadas tinha ,  
 Se encarniçavão fervidos , & irosos ,  
 No futuro castigo não cuidosos.

## C X X X I I I.

Bem puderas , ò Sol , da vista destes ,  
 Teus rayos apartar aquelle dia ,  
 Como da feva mesa de Thyestes ,  
 Quando os filhos por mão de Atreu comia :  
 Vós , ó concavos valles , que pudestes  
 A voz extrema ouvir da boca fria ,  
 O nome do seu Pedro , que lhe ouvistes ,  
 Por muito grande espaço repetistes.

A14



## C X X X I V.

Assi como a bonina, que cortada  
 Antes do tempo foi, candida, & bella,  
 Sendo das mãos lascivas mal tratada,  
 Da minina, que a trouxe na capella,  
 O cheiro traz perdido, & a cor murchada,  
 Tal está morta a pallida donzella,  
 Secas do rosto as rosas, & perdida  
 A branca, & viva cor, co a doce vida.

## C X X X V.

As filhas do Mondego a morte escura,  
 Longo tempo chorando memoráraõ,  
 E por memoria eterna em fonte pura,  
 As lagrimas choradas transformáraõ:  
 O nome lhe puzeraõ, que inda dura,  
 Dos amores de Inez, que alli passáraõ;  
 Vede, que fresca fonte rega as flores,  
 Que lagrimas faõ a agoa, e o nome amores.

## C X X X V I.

Naõ correo muito tempo, que a vingança  
 Naõ visse Pedro das mortaes feridas,  
 Que em tomando do Reyno a governança,  
 A tomou dos fugidos homicidas:  
 De outro Pedro cruissimo os alcança,  
 Que ambos imigos das humanas vidas,  
 O concerto fizerão duro, & injusto,  
 Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.

Tom. I.

L

## C X X X V I I.

Este castigador foi riguroso,  
 De latrocinios, mortes, & adulterios;  
 Fazer nos maos cruezas, fero, & iroso,  
 Eraõ os seus mais certos refrigerios:  
 As Cidades guardando justicofo,  
 De todos os soberbos vituperios,  
 Mais ladroens castigando à morte deo,  
 Que o vagabundo Alcides, ou Thefeo.

## C X X X V I I I.

Do justo, & duro Pedro, nasce o brando  
 ( Vede da natureza o desconcerto )  
 Remisso, & sem cuidado algum Fernando,  
 Que todo o Reyno poz em muito aperto:  
 Que vindo o Castelhana devastando  
 As terras sem defesa, esteve perto  
 De destruirse o Reyno totalmente,  
 Que hum fraco Rey faz fraca a forte gente.

## C X X X I X.

Ou foi castigo claro do peccado  
 De tirar Leonor a seu marido,  
 E casarse com ella, de elevado  
 Num falso parecer, mal entendido:  
 Ou foi, que o coração fugeito, & dado  
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,  
 Molle se fez & fraco, & bem parece,  
 Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

## C X L.

Do peccado tiverão sempre a pena  
 Muitos, que Deos o quiz, & permitio,  
 Os que foraõ roubar a bella Elena,  
 E com Apio tambem Tarquino o vio:  
 Pois por quem David santo se condena,  
 O quem o Tribu illustre destruiu  
 De Benjamin, bem claro no lo ensina,  
 Por Sarra Faraò, Sichem por Dina.

## C X L I.

E pois se os peitos fortes enfraquece  
 Hum inconcesso amor defatinado,  
 Bem no filho de Alcmena se parece,  
 Quando em Omfale andava transformado:  
 De Marco Antonio a fama se escurece,  
 Com ser tanto à Cleopatra affeioado,  
 Tu tambem Peno propero o sentiste,  
 Depois que a moça vil na Apulia viste.

## C X L I I.

Mas quem pôde livrar-se por ventura  
 Dos laços, que amor arma brandamente  
 Entre as rosas, & a neve humana, & pura,  
 O ouro, & o alabastro transparente?  
 Quem de huma peregrina fermosura,  
 De hum vulto de Medusa propriamente,  
 Que o coração converte, que tem preso,  
 Em pedra não, mas em desejo acefo?

L ij

## CXLIII.

Quem vio hũ olhar seguro, hum gesto brãdo,  
Huma suave, & angelica excellencia,  
Que em si estã sempre as almas transformãdo,  
Que tivesse contra ella resistencia?  
Desculpado por certo estã Fernando,  
Para quem tem de amor experiencia,  
Mas antes tendo livre a fantesia,  
Por muito mais culpado o julgaria.





canto 4

